

LUZIA APARECIDA CARPANEJI

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA PERSPECTIVA DE RECONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE CLTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à banca do Curso de Especialização em  
Educação do Campo da Universidade Federal  
do Paraná. Como requisito parcial para  
obtenção do grau de especialista.

**Profº Orientador:** Maurício Cesar Vitória Fagundes.

MATINHOS

2011

## EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA PERSPECTIVA DE RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL.

Luzia Aparecida Carpaneji<sup>1</sup>;

Maurício Vitória Fagundes<sup>2</sup>.

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo entender de que forma a educação do campo pode valorizar e resgatar os conhecimentos culturais do povo do campo, a importância e o reconhecimento do homem e da mulher do campo para a sociedade, num processo que leva ao resgate da cultura e da identidade, que valoriza os saberes locais e a autoestima dos que vivem no campo, numa tentativa de reconstruir a identidade de um povo que vem sendo ao longo do tempo estereotipada em função de fatores e interesses de uma minoria elitizada que desvalorizam o campo e as pessoas que nele vivem. A metodologia aplicada inicia-se por estudos bibliográficos a fim de problematizar a temática. E na busca de resultados, os estudos demonstraram que a identidade do sujeito do campo, possui uma trajetória histórica relevante, que precisa ser mais estudada e principalmente resgatada pela sociedade e pelo próprio sujeito do campo.

**Palavras-chave:** práticas pedagógicas – cultura – estereótipos – identidade do sujeito do campo

---

<sup>1</sup> Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (UFPR Litoral), e-mail: luziacarpaneji@hotmail.com.

<sup>2</sup> Educador Orientador, UFPR Litoral, e-mail: mauriciovitoriafagundes@gmail.com.

## 1 CONTEXTO

A educação do campo tem sido ao longo da história marginalizada na construção de políticas públicas. Normalmente a escola do campo fica localizada em pequenos povoados, muitas vezes é desprovida de qualquer tipo de assistência técnico-pedagógica e material. Ela estimula a evasão escolar e o êxodo rural, através de calendários que desconsideram a cultura e a realidade socioeconômica de seus alunos. Os valores, o calendário, os temas, o enfoque, tudo é sempre urbano. Não consegue contribuir para o desenvolvimento do setor responsável pela produção da maior parte dos alimentos básicos consumidos no país, a agricultura em regime de economia familiar.

A cultura, os saberes da experiência, a dinâmica do cotidiano dos povos do campo raramente são levados em conta na realização do trabalho pedagógico.

Essa visão, que tem permeado as políticas educacionais, parte de um princípio que o espaço urbano serve de modelo ideal para o desenvolvimento humano, descaracterizando a identidade dos povos do campo, distanciando-os cada vez mais do seu universo cultural.

O campo e a cidade são dois espaços que possuem lógicas e tempos próprios de produção cultural, ambos com seus valores. Não existe um espaço melhor ou pior, existem espaços diferentes, no qual o sujeito expressa seus sentimentos, defende suas ideias, recria formas de convivência e transmite valores de geração a geração.

Entender o campo, como um modo de vida social contribui para auto afirmar a identidade dos povos do campo, para valorizar o seu trabalho, a sua história, o seu jeito de ser, os seus conhecimentos, a sua relação com a natureza. O campo retrata uma diversidade sociocultural que se dá a partir dos povos que nele habitam: assalariados temporários, posseiros, meeiros, arrendatários, acampados, assentados, reassentados atingidos por barragens, pequenos proprietários, vileiros

rurais, povos das florestas, etnias indígenas, comunidades negras rurais, quilombos, pescadores, ribeirinhos e outros mais.

Diante disso tenho como proposta de trabalho entender de que forma a educação do campo pode contribuir para reconstruir a identidade do sujeito do campo.

Para tal este artigo está organizado em dois grandes tópicos:

- Evidenciar os modismos e concepções alienantes, que dão sentido pejorativo e desvalorizam o campo e as pessoas que nele vivem recuperando sua identidade.
- Compreender a identidade do povo do campo (valores, moral, tradição, etnias, festas, religiosidade popular, histórias da luta do povo, símbolos, gestos, místicas...) e incentivar produções culturais próprias, sensibilizando a sociedade para valorizá-las.

## **2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Esse trabalho surgiu do interesse de entender como a identidade do sujeito do campo foi sendo descaracterizada ao longo do tempo num processo de desumanidade e desrespeito com aqueles que mais contribuíram e contribuem para a sobrevivência mundial.

Se olharmos especificamente para o campo podemos observar que foram criados personagens fictícios que dão sentido pejorativo e desvalorizam o campo e as pessoas que neles vivem. Um exemplo muito comum é o Jeca Tatu, um personagem criado por Monteiro Lobato, representação do caipira brasileiro, uma reprodução do morador do campo, como sendo ele sinônimo de caboclo preguiçoso, sujeito apático e atrasado, uma criação estereotipada, mas de muita força simbólica até os dias de hoje.

Como exemplo dessa força simbólica, basta observarmos as festas juninas, em que as pessoas se caracterizam de caipira, usam roupas remendadas, vestidos de chita, chapéu de palha rasgado, pintam os dentes para demonstrar podridão, enfim fortalecem o estereótipo da imagem do sujeito atrasado e sem cultura, que não sabe falar, não sabe se vestir e nem se portar perante a sociedade.

Tentando entender melhor o que os camponeses de minha região pensavam sobre o assunto em questão, visitei algumas residências e conversei com alguns moradores antigos do lugar.

E quando questionados sobre o assunto em questão veja o que eles e elas argumentaram em seus depoimentos:

Utilizei-me de nomes fictícios na descrição das entrevistas.

Mário, morador do campo há 44 anos diz o seguinte:

Sinto-me humilhado, quando as pessoas me chamam de caipira, debochando de mim, não somos valorizados como merecemos, sabendo que somos nós os caipiras que fornece o alimento a esse povo que debocha de nossos costumes. Gostaria que nossa profissão fosse respeitada como qualquer outra.

Marina então conta:

Fico muito ofendida, quando riem de mim porque moro no sítio, desde o tempo da escola tiravam sarro de mim, por isso parei até de estudar.

Lurdes contou um pouquinho como se sente:

Sabe nem sei se fico triste ou feliz porque me chamam de caipira, sabe eu sou muito feliz vivendo aqui no sítio, me alegro quando olho para o céu e vejo todas aquelas estrelas iluminando a minha morada,

quando ouço o barulho dos pássaros e outros animais cantando, quando vejo a alegria de meus netinhos correndo pelo terreiro sem medo de serem atropelados, podendo brincar com liberdade, sujando suas roupas, sem essa coisa de “etiqueta” que o povo da cidade diz, nem sei bem o que é mas que deixam as pessoas “insibidas”. Por isso é que digo que gosto de ser caipira.

Jorge morador do campo há 75 anos lamenta dizendo:

Então né nós que mora aqui no sítio nem sabemos falar direito, e por isso somos enganado pelos outros estudado da cidade, mas eles pensa que a gente é bobo, então a gente sabe de tudo isso, mais num sabemos se defende, mais nós vive feliz aqui, apesar do poco caso que fazem de nós.

Veja o que pensa Marcelo, um jovem de 16 anos:

Eu gosto muito de morar no campo, para mim não existe diferença entre as pessoas, independente de onde elas moram, mas a sociedade nos vê como sinônimo de povo atrasado, quando na verdade não é a realidade, é o contrário, somos capazes de fazer tudo o que eles fazem e, na maioria das vezes eles não sabem fazer o que fazemos. Sabe eu só vim estudar na cidade, porque lá onde eu moro a escola só oferece o Ensino Fundamental, e eu gostaria de terminar os meus estudos.

Através destes depoimentos entendemos que apesar de todo o sofrimento, de toda a humilhação, desrespeito, descaso com aqueles que vivem no campo eles são muito felizes, porque é no campo que eles encontram a verdadeira razão de viver, e é claro que morar no campo não é sinônimo de atraso, mas de desenvolvimento.

**Reconhecimento e resgate da identidade cultural**

Cultura é o modo de ser e de viver dos grupos sociais - a língua, o comportamento, trabalho, regras de convívio, o que se come e bebe, o que se veste, tudo isso contribuindo para a formação de um povo, por isso não podemos falar de uma única cultura como se ela servisse de exemplo para as demais, sendo assim quando nos referimos a identidade cultural do povo do campo devemos levar em consideração todos os seus valores, moral, tradição, etnias, festas, religiosidade popular, histórias da luta do seu povo, símbolos, gestos, místicas... devemos compreender esse modo de vida, resgatando, valorizando e respeitando as individualidades de cada comunidade. Para Paulo Freire (1987),

nem a cultura liberada é a negação do homem, nem a cultura letrada chegou a ser sua plenitude. Não há homem absolutamente inculto: o homem “humaniza-se” expressando, dizendo o seu mundo. Aí começam a história e a cultura. (Freire, 1987, p., 10)

O homem do campo possui uma trajetória histórica que precisa ser superada, pela sociedade e pelo próprio sujeito do campo, trajetória esta que fez com que o camponês perdesse sua própria identidade, deixando ser levado pelas idéias da classe dominante que faz da cultura letrada a porta para a felicidade. “A mera aprendizagem da leitura e da escrita não faz milagres. Não é ela em si mesma, a que cria empregos” (FREIRE, 1981).

A identidade do sujeito do campo deve ser resgatada e respeitada, é claro que a cultura letrada é muito importante, mas, os saberes da escola do campo, deve ser contextualizado a partir da realidade do campo, deve valorizar a identidade do indivíduo do campo, sua cultura, conhecimentos, especificidades e vê-lo como sujeito importante na sociedade, ela precisa vir acompanhada da importância em aprender determinados conteúdos, os quais o sujeito do campo vai precisar saber para melhorar suas condições de vida, gerando sustentabilidade para ele e para a sua família, sem a necessidade de mudar seus hábitos, seus costumes, seu

comportamento e principalmente o seu trabalho, ou seja, que ele tenha oportunidade de ter uma vida digna no lugar onde sinta prazer em viver e trabalhar.

As crianças e jovens que vão estudar na cidade são socializadas e incentivadas a se preparar para questões urbanas, sendo cada vez mais desenraizadas de seus locais de origem, portanto é necessário promover uma educação do campo adequada para as especificidades do povo do campo, uma educação adequada e com qualidade para atender as necessidades de quem vive no campo, resgatando à partir daí a identidade cultural, ou seja, todos os seus valores, moral, tradição, etnias, festas, religiosidade popular, histórias da luta do seu povo, símbolos, gestos, místicas, ... constituindo um processo de humanização centrada no compromisso por uma educação que integra a ampliação de oportunidades, dando vida a cultura e afirmando a identidade do sujeito.

### **3 CONSIDERAÇÕES**

Através dos estudos bibliográficos observa-se que a história do campo é marcada por uma série de atos políticos e sociais que de alguma forma contribuíram para descaracterizar e criar estereótipos relacionados ao sujeito do campo, e que Monteiro Lobato criou um caipira que contribuiu decisivamente para a constituição de uma imagem pejorativa do camponês que permanece até os dias atuais, e que partindo do princípio que queremos uma Educação do Campo com qualidade e voltada completamente a realidade do aluno, devemos portanto manter viva sua memória e origem, vivenciar a organicidade e a formação humana, primar pela apropriação dos conhecimentos mais avançados e comprometidos com a transformação social, valorizando e legitimando as diferenças culturais.

Podemos concluir que o campesinato possui uma trajetória histórica relevante, que precisa ser mais estudada e principalmente resgatada pela sociedade e pelo próprio sujeito do campo, e que nós educadores e formadores de opiniões



devemos incentivar as produções culturais próprias deste povo, sensibilizando a sociedade para respeitá-las e principalmente valorizá-las.

## Referências

ARAÚJO, Braz. **Crianças e adolescentes no Brasil; diagnósticos, políticas e participação da sociedade.** 2007. – Campinas, Fundação Cargil, 1996.

ARROYO, M. e FERNANDES, B. M. **Educação Básica e o Movimento Social do Campo.** Articulação Nacional por uma Educação do Campo. São Paulo, 1999.

ARROYO, Miguel G.; CALDARTE, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo.** Petrópolis , Rj : vozes, 2004.

BALSAN, ROSANE. **Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. Campo território:** revista de geografia agrária, Uberlândia, v. 1, n. 2, p.123-151, ago. 2007.

BATISTA, F.M.C. **Educação Rural – das experiências à política pública.** NEAD/MDA.Editorial Abaré. Brasília , 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade.** Rio de janeiro: Dp&a, 1998.

IANNI, Octavio. **Tipos e mitos do pensamento brasileiro.** Sociologias. Porto Alegre. Ano 4, no 7, jan/jul 2002.

LIMA, Nísia Trindade. **Jeca Tatu e a representação do caipira brasileiro.** In: XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1997. Caxambu. Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1997.

PARANÁ. Governo Do Estado Do Paraná, Secretaria De Estado Da Educação, Superintendência Da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo.** Curitiba: Secretaria de Estado da Educação – SEED, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª. Ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade.** 5ª. Ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

### **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, e me deu força para a realização deste trabalho. Agradeço também a minha família, pelo apoio, compreensão, ajuda, e, pelo carinho ao longo deste percurso. E agradeço a todos os educadores da especialização, em especial ao Educador Maurício Vitória Fagundes pela orientação deste artigo.